

Histórias de Tia Nastácia, de Monteiro Lobato: um olhar crítico sobre textos folclóricos brasileiros

Amanda Silva

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

amandamirellass@gmail.com

Resumo:

A literatura infanto-juvenil representa um espaço de formação de ideias e de sujeitos. Essa visão vem ser marcada, no Brasil, notadamente por Monteiro Lobato, a partir de uma literatura que propõe à criança leitora outros caminhos, o conhecimento antes omitido. Nesse tratar com seriedade, por suas obras, Lobato propõe leituras críticas. Neste artigo analisaremos a obra *Histórias de Tia Nastácia* (1937) abordando justamente o viés crítico e reflexivo que é proposto, pelas personagens do sítio, sobre o folclore brasileiro. Juntamente às leituras das obras de Lobato, buscamos apoio nas ideias de Câmara Cascudo, Alvarez e Lajolo.

Palavras-chave: Monteiro Lobato; Literatura infantojuvenil; Tradição oral; Folclore.

Abstract:

The literature for children and youth represents a space of formation of ideas and people. This vision comes to be marked, in Brazil, notably by Monteiro Lobato, from a literature that proposes to the child reader other paths, the knowledge before omitted. In this treat seriously, by their works, Lobato offers critical readings. In this article we analyze the work *Histórias de Tia Nastácia* (1937) precisely addressing the critical and reflexive bias that is proposed, by the characters of the 'sítio', about Brazilian folklore. Together to the readings of the works of Lobato, we seek support on the ideas of Câmara Cascudo, Alvarez e Lajolo.

Keywords: Monteiro Lobato; Literature for children and youth; Oral tradition; Folklore.

Introdução

A literatura infantil, no Brasil, sempre foi um campo de pouca exploração, quando não de esquecimento, principalmente antes do desenvolvimento efetivo do setor editorial, no século XX. Quando havia algum escritor que se aventurasse na empresa da escrita para crianças, as obras produzidas terminavam muitas vezes subestimando a criança leitora; não apresentando indagações ou propostas de leitura crítica. Havia a visão de que assuntos de adultos são assuntos de adultos, e que não deveriam ser tratados com crianças, pois elas supostamente não seriam capazes de entendê-los. Indo contra essa corrente, estão as ideias e ações do escritor Monteiro Lobato, que não fez pouco do público infantil e viu nele o futuro de uma nação. Monteiro Lobato, principal agente do processo de surgimento de um mercado editorial no Brasil, além de escritor, foi uma figura polivalente no contexto histórico, político e social do Brasil.

A obra infantil lobatiana traz algo novo para o contexto em que se lança, na primeira metade do séc. XX: incita o leitor infantil à crítica e o introduz a assuntos que englobam política, economia, questões sociais, entre outros aspectos, antes integrantes apenas da produção literária destinada ao público adulto. Lobato não subestimava as crianças, ao contrário, as estimulava à leitura crítica do mundo, através de discussões e de disseminação de informações; por meio do aguçamento do imaginário. Como diz Alvarez, em sua obra *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*:

As personagens se delineiam fora dos estereótipos convencionais utilizados e despertam o senso crítico e a capacidade individual de discernimento das crianças. Os leitores infantis de Lobato não se deparam com tipos pré-fabricados, portadores de rótulos definitivos. Tal como na vida, as personagens lobatianas se movimentam numa dinâmica de interação social. Agem, interagem atuam umas sobre as outras. E não se trata de alguém ser irremediavelmente mau. Ou bom. (ALVAREZ, 1982, p.12)

Considerando esse olhar crítico perpetuado pela obra lobatiana, é possível conhecer muito da cultura do povo brasileiro. Essa reflexão, com enfoque no folclore nacional, é apresentada de forma marcante em *Histórias de Tia Nastácia* (1937).

Histórias de Tia Nastácia, publicada em 1937 pela editora Brasiliense, integrante da obra escrita para crianças que **ficou conhecida como a série do Sítio do Picapau**

Amarelo é composta por uma série de contos, a princípio narrados por Tia Nastácia (e, depois, também por Dona Benta) às personagens do sítio. Os contos tematizam a cultura popular brasileira e principalmente as histórias transmitidas pela tradição oral: por meio delas, tenta-se traçar a face de um povo, o povo brasileiro: suas mazelas e suas histórias. Carmem Lúcia de Azevedo, na biografia *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*, discorre sobre a representação da tradição erudita e popular nas obras de Monteiro Lobato: “Caracterizando os dois principais adultos de suas histórias – Dona Benta e tia Nastácia – como fontes do saber erudito e popular, ele quebra a hierarquia que separa a criança da gente grande.” (AZEVEDO, 1997, p. 317).

Quanto às leituras possíveis da obra em face do povo brasileiro e principalmente da figura de Tia Nastácia, Renata Pimentel comenta em seu artigo “Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá!”:

Tia Nastácia é, portanto, alçada ao centro do discurso, mas como dona de sua voz, como sujeito da fala e autoridade sobre a matéria. É destacada como detentora de uma sabedoria válida e importante: as histórias de uma tradição da oralidade, propagadas e preservadas na memória de seu povo de origem; um dos elementos inegáveis de nossa formação mestiça e cultural. (PIMENTEL, 2014, p.3)

Do mesmo modo que a própria personalidade de Lobato é multifacetada, inquietante quanto ao que está social ou economicamente estagnado, procurando sempre instigar e propor coisas, *Histórias de Tia Nastácia* traz um jogo de leitura e discussão do próprio texto, dentro do texto: as personagens tecem comentários ao fim de cada conto, julgam valores, traçam paralelos com outros autores, como verdadeiros “críticos literários”.

Essa voz crítica, em relação aos contos folclóricos que são contados na obra, manifesta-se ora pela língua afiadíssima da boneca Emília ao falar sobre seus gostos, suas leituras e suas preferências; ora por Narizinho, que também fala de suas leituras e traça paralelos entre as histórias que ouve e as que já leu. E também por Pedrinho, com um olhar mais sociológico, buscando considerar aspectos sociais que teriam reflexos no texto: visa enxergar o povo pelas suas histórias, seu folclore.

Essa intromissão das crianças do Sítio na narração é muito recorrente nas obras de Lobato, principalmente naquelas em que existe uma preocupação metalinguística: em

que são contadas histórias dentro de uma história. Um dos diversos artigos desenvolvidos a partir da obra infantil de Lobato, na obra organizada por Marisa Lajolo e João Luís Ceccantini, *Monteiro Lobato, livro a livro*, ao tratar do aspecto da figura de Tia Nastácia como detentora do conhecimento popular e de Dona Benta como detentora do conhecimento mais erudito, diz-se que:

É a avó quem esclarece aos netos as origens das histórias, as variações relativas à sua transmissão oral, bem como é também Dona Benta que legitima os comentários dos ouvintes ou tenta matizar suas críticas preconceituosas. [...] Da forma como Lobato estruturou o livro, Tia Nastácia é a porta-voz do povo, transmite as histórias do jeito que as ouviu, com suas incongruências e absurdos, no dizer de Narizinho e Emília. A seus ouvintes é que cabe julgar e criticar os contos, bem como a *cultura popular que lhes deu origem*. (SILVA, 2009, p. 6)

No centro na narração está Tia Nastácia, como contadora de histórias. Dona Benta também participa da contação de histórias, esclarecendo alguns aspectos sobre as narrativas: suas origens, suas formações; estabelecendo-se um paralelo entre o conhecimento erudito e o conhecimento popular.

A escuta crítica: recepção metalinguística das histórias populares

Tudo começa quando Pedrinho, ao informar-se com a leitura matinal do jornal à varanda, pede a Emília que pergunte à Dona Benta qual o significado da palavra Folclore. Ao receber a explicação de sua avó sobre o étimo da palavra antes desconhecida, relaciona o folclore com a figura de Tia Nastácia: vê nela a própria cultura folclórica brasileira.

- Dona Benta disse que *folk* quer dizer gente, povo; e *lore* quer dizer sabedoria, ciência. Folclore são as coisas que o povo sabe por boca, de um contar para o outro, de pais a filhos — os contos, as histórias, as anedotas, as superstições, as bobagens, a sabedoria popular, etc. e tal. Por que pergunta isso, Pedrinho? / O menino calou-se. Estava pensativo, com os olhos lá longe. Depois disse: / — Uma ideia que eu tive. Tia Nastácia é o povo. Tudo que o povo sabe e vai contando, de um para outro, ela deve saber. Estou com o plano de espremer tia Nastácia para tirar o leite do folclore que há nela. (LOBATO, 1975, p. 139)

A partir daí, incia-se a contação de histórias, tendo como voz narradora Tia Nastácia (e também Dona Benta) assumindo o papel de disseminadora do conhecimento popular. Após cada narrativa, Pedrinho, Narizinho e Emília criticam os pontos fracos da história contada, e exaltam, quando julgam haver, seus pontos fortes. Dizem o que acharam da estrutura, do arranjo dos acontecimentos, da originalidade da história, de como se encerra a narrativa. Em relação a esses aspectos Câmara Cascudo traz, em *Literatura Oral no Brasil*, conceitos interessantes para a análise de contos propostos neste artigo.

Cascudo propõe a seguinte classificação para o conto popular brasileiro: Contos de encantamento; Contos de exemplo; Contos de animais; Facécias; Contos religiosos; Contos etiológicos; Demônio logrado; Contos de adivinhação; Natureza denunciante; Contos acumulativos; e Ciclo da morte. Dentre essa classificação, temos entre os contos da análise a seguir, referidos nos comentários críticos das personagens do sítio, “Contos de encantamento” (*João e Maria, O doutor Botelho, A fonte das três comadres, A moura torta*) que se caracterizam pelo elemento sobrenatural, o encantamento, virtudes que ultrapassam a medida humana. “Contos de exemplo”, como *A raposinha* e *História dos dois ladrões*, que ensinam, através dos exemplos, a moral sensível e popular, servindo como exemplo para reflexão sobre conduta, sobre moral. Há “Contos de animais”, como *A formiga e a neve*: “São as fábulas clássicas onde os animais vivem o exemplo dos homens. Nenhuma estória de animal independe do critério ético, repressor e moral.” (CASCUDO, 2006, p. 298). E também “Contos de adivinhação”, que refletem o hábito de propor enigmas e buscar a sua decifração, como o conto *João esperto*.

Contraste entre a tradição oral e a produção escrita

Um ponto inicial que podemos analisar na obra, focalizando os comentários feitos após cada narrativa, é o contraste estabelecido entre histórias derivadas da tradição oral e as obras escritas por escritores consagrados (como Andersen, Carroll, Perrault, Wilde). No trecho a seguir, após Tia Nastácia contar a história de *João e Maria*, Emília e Narizinho põem-se a falar que já conhecem a história, e que ela teria sido criada por Andersen. Dona Benta, em seguida, faz questão de alertar aos pequenos críticos sobre o fato de que a

história que acabaram de ouvir, e mesmo a que já leram, a de Andersen, têm como origem a boca do povo, tratando-se de histórias velhíssimas que passam de geração a geração:

— Eu já li essa história em Andersen — disse Emília — e agora estou vendo bem claro como o nosso povo faz nela os seus arranjos. Foi Andersen quem a inventou. /— Não — disse dona Benta. — Andersen nada mais fez do que colhê-la da boca do povo e arranjá-la a seu modo, com as modificações que quis. Essas histórias são todas velhíssimas, e correm todos os países, em cada terra contada de um jeito. Os escritores o que fazem é fixar as suas versões, isto é, o modo como eles entendem que as histórias devem ser contadas. /— Na versão de Andersen — disse Narizinho — não há negro nenhum, nem nada de três cães. O povo aqui no Brasil misturou a velha história de Joãozinho e Maria com outra qualquer, formando uma coisa diferente. A versão de Andersen é muito mais delicada e chama-se Hansel e Gretel. /— O tal negro entrou aí — disse Pedrinho — porque no Brasil as histórias são contadas pelas negras, que gostam de enxertar personagens pretos como elas. Lá na Dinamarca Andersen nunca se lembraria de enxertar um preto porque não há pretos. Tudo gente loura. (LOBATO, 1995, p. 49,50)

Para Câmara Cascudo: “Dizer que tal conto pertence a tal raça é impossível. Os contos são tecidos cujos fios vieram de mil procedências. Cruzam-se, recruzam-se, combinam-se, ressaltados na trama policolor do enredo.” (CASCUDO, 2006, p. 280). No trecho em destaque, Narizinho comenta sobre os diferentes aspectos encontrados na história de João e Maria e na obra de Andersen. Pedrinho aponta ainda que os elementos são diferenciados visto que a cultura é diferenciada. Ainda segundo Câmara Cascudo: “Essas variantes são os mesmos enredos com diferenciações que podem trazer as cores locais, algum modismo verbal, um hábito.” (CASCUDO, 2006, p.33).

O mesmo se dá no fim do conto “O doutor Botelho”, quando Narizinho comenta sobre o que possivelmente viria a ser uma corrupção do conto do “O Gato de Botas”, do escritor francês Charles Perrault:

— Essa história — disse Narizinho — é uma corrupção da velha história do Gato de Botas, que li nos Contos de Fadas do tal senhor Perrault. Mas como tia Nastácia contou está muito mais ingênua. / — Serve para mostrar como o povo adultera as histórias — disse dona Benta. — Neste caso do doutor Botelho vemos uma tradução popular do Gato de Botas. / — Mas tradução bem malfeitinha — disse Emília. — Tudo na história é daqui do Brasil, até o macaco e as bananas — com certeza banana-ouro, que é a melhor — mas esse rei, que aparece sem mais nem menos, está idiota. Não há reis por aqui. Em todo caso serve. Que se há de esperar da nossa pobre gente roqueira? (LOBATO, 1995, p. 99).

Nesse trecho, Dona Benta e Emília também intervêm no comentário de Narizinho, chamando a atenção para os elementos que a narrativa absorve ao ser traduzida ou adaptada à cultura brasileira. A falta de elementos ou a incoerência destes, segundo os comentários que são tecidos, estariam relacionados à ingenuidade de seus contadores. Apresenta-se uma história simples que tem por trás um povo ingênuo (por vários motivos): no caso do ‘doutor Botelho’, o povo brasileiro.

Ainda relacionada a essa ideia de narrativa ingênua, tornam-se claras as opiniões acerca de leitura e visão crítica: “- Eu também acho muito ingênua essa história de rei e princesa e botas encantadas – disse Narizinho. -Depois que li o *Peter Pan*, fiquei exigente.”. Mais à frente, Emília completa: “Eu, francamente, passo essas tais histórias populares. Gosto mais é das de Andersen, das do autor do Peter Pan e das do tal Carroll, que escreveu *Alice no País das Maravilhas*. Sendo coisas do povo, eu passo...”. É possível perceber o alto grau de exigência dos pequenos leitores do universo do Sítio, que não se contentam somente em saber apenas o necessário, mas buscam estabelecer relações e contatos entre realidades distintas. Essa esperteza precoce seria, segundo Emília, culpa de Dona Benta, por “andar ensinando tantas ciências e artes”.

Histórias dentro de histórias

Dentro dessa perspectiva de análise da narrativa dentro da narrativa (*mise-en-abyme*), desenvolvida no tópico acima, destaca-se ainda outro elemento que integra esse discurso crítico traçado na obra: a discussão das personagens do Sítio acerca dos processos de criação ficcional. É verdadeiramente impressionante o avanço promovido por Lobato nesta coletânea de *Fábulas*. A sofisticação da construção do enredo do livro – com suas demandas modernas até para os romances eruditos da época, contendo reflexões sobre questões estruturais e recepcionais da literatura – ultrapassam muito o mero propósito da leitura como lazer. Sem perder o componente da diversão – pois as histórias são tradicionalmente narradas –, o autor inclui comentários metalinguísticos densos e referências históricas e sociológicas que aprofundam a percepção do leitor e sua capacidade crítica e avaliativa sobre os mecanismos de construção de uma história

da literatura, de um cânone. A compreensão dos fenômenos de registro dos textos – sua classificação, reformulação, apreensão e adaptação ao longo do tempo – é posta em relevo e mobiliza toda a conversa da família nas imensas notas de rodapé acrescentadas ao livro. Paratexto fundamental ao projeto de resgate crítico da oralidade e do cânone popular que é o livro *Histórias de Tia Nastácia*, o expediente das “notas” atesta a dimensão das ambições de Lobato para a reformulação da educação brasileira, respeitando a tradição, mas avançando sempre, criticamente, em direção a novos horizontes – situando seus pequenos leitores no lugar de origem, mas com o devido conhecimento da procedência de suas raízes, das trajetórias e deslocamentos dessas narrativas, e das novas temáticas propostas por culturas mais desenvolvidas, com assuntos que viriam a ser importantes no futuro, em escala global.

Na obra são especulados pontos como: o provável contexto histórico de formação da narrativa, os elementos que a compõem, sua estrutura, sua originalidade; dando ênfase também aos ciclos e elementos repetitivos predominantes nas histórias de cunho medieval. Os comentários são densos e reflexivos, buscando levar a criança a pensar a respeito do que lê, e não apenas absorver o enredo passivamente. Como se vê neste diálogo entre Dona Benta e Pedrinho:

As histórias que correm entre o nosso povo são reflexos da era mais barbaresca da Europa. Os colonizadores portugueses trouxeram essas histórias e soltaram-nas por aqui — e o povo as vai repetindo, sobretudo na roça. A mentalidade da nossa gente roceira está ainda muito próxima da dos primeiros colonizadores./ — Por que, vovó?! — Por causa do analfabetismo. Como não sabem ler, só entra na cabeça dos homens do povo o que os outros contam — e os outros só contam o que ouviram. A coisa vem assim num rosário de pais. a filhos. Só quem sabe ler, e lê os bons livros, é que se põe de acordo com os progressos que as ciências trouxeram ao mundo. (LOBATO, 1995, p. 58).

Dona Benta aponta, após a leitura do conto “A fonte das três comadres”, a possível origem histórica de muitas das narrativas trazidas pelos portugueses. Fala ainda das mazelas que sofre o povo brasileiro, e como essa contaminação de culturas foi algo inevitável, principalmente no contexto de formação de um país como o Brasil. Lobato mostra aqui, mais uma vez, o tom de denúncia social sempre presente em cada gesto e palavra postos em sua obra. Permite à criança conhecer a raiz do problema. Não esconde. Mostra. Faz pensar.

Já no conto “A moura torta”, Emília solta a palavra e fala sobre a ordenação da narrativa, que para ela deveria ter “pé e cabeça”; avaliando como incoerente a história que acabara de ler, que em certo ponto “derrapa como automóvel na lama”. Dona Benta, como detentora do conhecimento culto, e com seu papel de esclarecedora, explica que essa fragmentação da narrativa é típica da passagem da tradição de um povo para outro. É interessante a abordagem desse aspecto, pois permite ao público leitor entender porque muitas das histórias populares são cheias de incoerências, ou inexatidões, ou mesmo incompletudes:

— Essa história — disse Emília — começa bastante bem e vai bem até certo ponto. Depois derrapa como automóvel na lama. O tal moço era um coitado que só possuía uma melancia. De repente está num palácio, e sem mais aquela vira rei...— Isso mostra — explicou dona Benta — como na tradição do povo as histórias se vão adulterando. Vê-se que está incompleta. Com a passagem dum contador para outro, perdeu um pedaço. (LOBATO, 1995, p. 39)

Emília, que em diversos momentos da obra marca sua presença com comentários depreciativos em relação às histórias, apresenta agora considerações positivas, relacionadas à sua escala de graus. No conto em questão, “A formiga e a neve”, a ex-boneca anima-se e dá grau dez à narrativa.

— Ora até que enfim ouvi uma história que merece grau dez! — gritou Emília. — Está muito bem arranjada, e sem rei dentro, nem príncipes, nem olho furado, nem burro bravo. Ótima! Meus parabéns a tia Nastácia. (LOBATO, 1995, p. 62)

A astúcia como arma mais forte

Outro ponto que merece ser destacado quanto às *Histórias de Tia Nastácia*, é o da reflexão sobre temas, moralidades, ideias perpassadas pelos textos folclóricos: a astúcia (esperteza, inteligência) como a mais forte das armas. Lobato, ao suscitar esse aspecto em sua obra, estimula a cultura da inteligência da criança leitora, mostrando que nem sempre a força bruta sai vitoriosa, plantando ideias de que as próprias ideias são o maior tesouro de um ser humano:

— Gostei, gostei! — exclamou Emília. — Não tem nada de boba essa historinha. É uma luta de esperteza contra esperteza, em que o mais esperto saiu ganhando. Pedrinho sabe o que isto significa em linguagem científica. Diga lá, Pedrinho./ E o menino, que era um darwinista levado da breca, veio logo com a sua cienciazinha./ — Isso significa a vitória do mais apto. O mais apto é o mais esperto./ — A história que vocês acabam de ouvir — disse dona Benta — pertence ao tipo das engenhosas. (LOBATO, 1995, p. 67).

Emília, em seu comentário sobre o conto “João Esperto”, chama a atenção para a astúcia da princesa que desvenda as adivinhações propostas por João, de modo a se livrar de ter a sua mão pedida em casamento. Repete-se aqui o discurso subliminar pela libertação social da mulher, ponto pacífico na obra lobatiana e muitas vezes alvo das críticas e da condenação de seu tempo. A temática do divórcio, a desconstrução das narrativas românticas com finais felizes para mulheres sem outra perspectiva além do casamento, definitivamente não faziam parte da pedagogia do autor. Assim, ele não perde tempo em aproveitar oportunidades para assegurar às meninas, suas leitoras, motivos para a construção de uma autoestima voltada para o conhecimento e o despertar de habilidades intelectuais. Corroborando esse feminismo latente e sempre presente nas entrelinhas das histórias lobatianas, Pedrinho comenta sobre o conto “O macaco e o aluá”: “Todas as histórias frisam uma coisa só — a luta entre a inteligência e a força bruta. A inteligência não tem muque, mas tem uma sagacidade que no fim derruba o muque.” (LOBATO, 1995, p. 85).

Essa exaltação à esperteza como arma mais forte, que logra a força bruta, torna-se interessante se analisarmos a própria figura de Emília, para a qual a astúcia é uma forma de compensação de sua frágil origem: figura de pano recheada de macela, do sexo feminino, criada por uma ex-escrava e habitante de um sítio nos confins do Brasil, ela teria todas as chances de fracassar no mundo. Alterego de Lobato – mas criada para se identificar com muitas brasileirinhas –, ela não se deixa abater. Nem pela sua aparência frágil, nem pelas precárias condições de sua realidade, nem pelas falsas promessas de sua cultura, que lhe acenam com o “casamento”, de preferência um “casamento nobre”, como única alternativa possível de ascensão social. A crença na inteligência e na consciência de que se deve usá-la na prática torna-se um discurso esperançoso, dirigido sobretudo às mulheres, nos revolucionários textos deste autor.

Considerações finais

Após essa breve análise dos comentários tecidos pelas personagens do Sítio durante os serões de Tia Nastácia, podemos perceber que *Histórias de Tia Nastácia* destaca-se, de forma particular, nas obras da série do Sítio do Picapau Amarelo, escrita por Monteiro Lobato para crianças. Foi possível observar que a obra, ao traçar um passeio pelo plano da tradição oral, propõe a reflexão sobre os diversos povos e culturas, incluindo o próprio olhar voltado para o Brasil e sua gente, suas mazelas e seus problemas sociais, muitas vezes enraizados de maneira profunda, bruta. Problemas estes justamente permeados pela visão crítica das personagens do Sítio que, ao ouvirem as histórias de Tia Nastácia e Dona Benta, ouvem mais do que a superfície do texto, vão além. Assim como faz Lobato que, já no fim da sua carreira, quando não via mais solução para as mentes fechadas e ‘olhos com cabresto dos adultos’, volta-se para o que via como a salvação do desenvolvimento de uma nação, os verdadeiros condutores de um país ao progresso: as crianças. Essa proposta de estímulo intelectual ao público leitor infantil é proposto, na obra, como foi visto, por meio de contraste entre tradição oral e produção escrita; reflexão sobre a estruturação das narrativas e a moral que as permeiam.

Mais do que um simples livro de contos folclóricos, *Histórias de Tia Nastácia* abre o espaço de leitura para um grande debate sobre a cultura logocêntrica, a cultura da palavra escrita e impressa, torando seu leitor um sujeito participativo na escuta/leitura, como se também estivesse no Sítio, ao pé da cadeira, ouvindo as histórias e participando dos debates. À criança leitora não é proposta somente a fruição passiva/divertida/inócua das histórias que são contadas, mas sobretudo a tomada de consciência sobre a realidade circundante, sobre a política da circulação do conhecimento, e de seu papel, como cidadão, neste contexto. Monteiro Lobato instiga o questionamento e a visão crítica daquilo que o público infantil ouve ou lê, incitando o abrir de olhos das crianças – do povo brasileiro – para as novas possibilidades que se abrem à sua história.

Referências

ALVAREZ, Reynaldo Valinho. *Monteiro Lobato, escritor e pedagogo*. Rio de Janeiro: Edições Antares; Brasília: INL, 1982.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Literatura oral no Brasil*. São Paulo: Global, 2006.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

LOBATO, Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

PIMENTEL, Renata. Agora chegou minha vez. Negro também é gente, sinhá!: Tia Nastácia como sujeito do discurso e narradora Griot nas histórias do Sítio do Picapau Amarelo. Artigo GRIOTS, 2014.